

Suspensão corporal, uma nova conjugação entre sensações e estética.

Na década de 60, nos EUA, um grupo retoma e desenvolve antigas práticas indígenas e hindus de modificação corporal. Conhecidos como “primitivos modernos”, seus integrantes experimentaram e pesquisaram técnicas como piercing, escarificação, espartilho e suspensão corporal. Essas práticas configuram uma estética corporal inovadora e ajudam a produzir estados mentais alterados, decorrentes das intervenções na pele.

A suspensão corporal, popularizada pelo filme “O homem chamado cavalo”, é a elevação de uma pessoa por meio de ganchos cravados em sua pele. Há inúmeras variações dessa prática, conforme o número e o local das perfurações, geralmente as costas, a parte posterior das pernas, os joelhos ou o peitoral. Apesar de desconhecida pela maioria das pessoas, sua técnica foi rapidamente difundida pela internet, tornando-se praticada por milhares de adeptos no Brasil, nos EUA, Canadá e Europa.

Tendo em vista a multiplicidade de sentidos envolvidos em sua realização e a heterogeneidade entre os praticantes, torna-se impossível a atribuição de uma única e simples motivação em todos os casos. A compreensão desse fenômeno começa pela escuta sem pré-concepções ao que, no discurso dos adeptos, expressa uma adequação ao restante da comunidade e ao que aponta para um embate com ele. Um traço bastante comum no discurso dos praticantes é a crítica à massificação, imitação e repetição, tão comuns pelas colagens de comportamentos estimuladas na mídia, resultando na superficialização das diferenças. Se, com frequência, o consumo de mercadorias funciona como signo de distinção entre as pessoas, no caso dos praticantes esta distinção acontece por meio de intervenções no corpo. Assim, é preciso desapegar-se dos padrões estéticos homogeneizantes baseados na simetria e na pele lisa e sem marcas para configurar o corpo de maneira singular, sobrepondo o projeto individual inclusive à herança genética.

Esse caminho implica o desenvolvimento da capacidade de lidar com a dor de forma tranqüila e de considerá-la como parte intrínseca de um processo pelo qual se decidiu percorrer. As altas intensidades de estímulos e a antecipação de um momento doloroso geram adrenalina e endorfina que, associadas à sensação de voar livremente, produzem um estado de euforia comparável ao orgasmo e ao uso de drogas. Em princípio, esse tipo de experiência propiciaria a revisão de uma série de valores transmitidos socialmente e a constituição de um jeito original de estar no mundo. O discurso dominante nessa cultura defende a liberdade de cada um fazer tudo o que desejar com o próprio corpo para expressar e constituir sua singularidade.

Contudo, a participação nessa prática também pode gerar massificação, se o praticante não estiver genuinamente implicado, mas, apenas, buscar prestígio e admiração da platéia, isto é, uma mera forma de captar o olhar do outro. Se, nos dias de hoje, as relações entre as pessoas são bastante mediadas por imagens - havendo inclusive os pensadores que caracterizam a cultura contemporânea como sociedade do espetáculo ou da imagem - cabe-nos distinguir quando a imagem veicula e serve de aporte para singularidades de quando ela pretende esgotar todo o campo das trocas intersubjetivas.

Nas últimas décadas, a utilização da televisão, do celular e do computador intensificou violentamente as formas de comunicação à distância. Ao mesmo tempo, o corpo humano tem sido atravessado por um conjunto de técnicas que permitem a abolição das cicatrizes, pela plástica; das dores corporais, pelos analgésicos; e das dores da

existência, pelos antidepressivos. O resultado é uma cultura onde a imagem, a assepsia e o conforto corporais são hiper valorizados, anulando as vicissitudes de se habitar um corpo, com peso, fragilidades e limites. Um dos pontos mais interessantes da suspensão corporal é ela simultaneamente constituir uma imagem singular fascinante aos espectadores e colocar em jogo o corpo em tudo que ele tem de mais característico, seus limites, suas dores, prazeres e, por que não, sua força.

Daniel Rodrigues Lirio - Psicólogo e mestre em psicologia social pela USP, com o trabalho “Suspensão corporal e algumas implicações intersubjetivas”; estuda a interface entre a pós-modernidade e a psicanálise por meio das intervenções corporais.